

5.2. PREFÁCIO À COMÉDIA HUMANA¹.

Vania Cunha Mattos

Juíza Titular da 13ª VT de Porto Alegre

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar alguns aspectos de pesquisa referente à obra *A Comédia Humana*, ao autor e à sua época, abordando-se, como fonte de informação e adequação, o texto *Prefácio à Comédia Humana*, produzido pelo próprio Balzac. As análises e síntese que seguem têm por objetivo elaborar trabalho científico, cujo texto metodológico examina idéias, processos e resultados nessas áreas do conhecimento.

1. Autor

Honoré de Balzac, romancista francês, nascido em 1799, em *Tours*, capital da *Touraine*, faleceu em 1850 em Paris – França.

Um dos mais ilustres autores franceses, cuja capacidade inventiva e narrativa traduz uma prodigiosa obra – *A Comédia Humana* – que, ao tempo da realização do *Prefácio à Comédia Humana*, em julho de 1842, era composta de não menos de vinte volumes, um milhão de linhas, em quinhentas folhas de papel de imprensa, tendo como pano de fundo a sociedade francesa do século XIX.

Neste período, premido mais uma vez por seus credores – tônica de toda a sua vida –, Balzac se propõe a ordenar o seu trabalho e, como detinha os direitos de publicação, fecha com os editores, em 14 de abril de 1842, contrato que permite a publicação de sua obra até então existente e as que se sucederam durante a edição das *Obras Completas*, pois, como se sabe, foi inesgotável sua produção até o final de sua vida.

Para dar unidade à complexidade de sua obra até então existente, o escritor a denomina de *La Comédie Humaine*. E com a finalidade de explicar ao público inclusive a razão deste título, surge o *Prefácio à Comédia Humana*, escrito pelo próprio Balzac.

Tudo o que se pode dizer de Balzac jamais esgotará o significado que este gênio projetou na Literatura como uns dos maiores escritores de todos os tempos – ao lado de Tolstói, Dostoievski, Jorge Luiz Borges, Fernando Pessoa, Machado de Assis para ficar somente entre alguns grandes, que traduzem monumental legado à cultura universal – e, como tal, insuperável

O grande escritor Victor Hugo, quando no enterro de Balzac, traduz a comoção nacional² e prevê o futuro do gênio que se apagava prematuramente, ainda com a cabeça cheia de romances por fazer:

(...) O homem que agora vai baixar ao túmulo, é daqueles a quem a dor pública acompanha. Doravante os olhares não se dirigirão para as cabeças dos que reinam, mas sim para as dos que pensam, e o país inteiro estremece quando desaparece uma dessas cabeças. Hoje a tristeza do povo é o pesar pela morte de um homem de talento, a tristeza nacional é a mágoa pelo desaparecimento de um homem de gênio. O nome de Balzac associar-se-á ao rastro luminoso que a nossa época deixará no futuro... (...).

E o futuro somente revela a importância, a atualidade e a complexidade da obra inesgotável de significados deste gênio da literatura universal.

¹ Em francês *Avant-propos - A Comédia Humana*, De Balzac, Honoré I, , Tradução de Vitdal de Oliveira, Edição da Livraria do Globo, Rio de Janeiro, Porto Alegre- São Paulo, 1946, p. 9-21

² citação - *Obras Completas de Stefan Zweig*, Tomo XXIX - Balzac, Tradução de Odilon Gallotto, Editora Delta S. A - Rio de Janeiro, 1956, p. 421

- ◀ volta ao índice
- ▲ volta ao sumário

Entendo que se nada mais fosse escrito no presente ou mesmo no futuro, ainda assim a obra de Honoré de Balzac fornece material mais do que suficiente para entender não só a sociedade francesa daquele século, como de todos os posteriores, e, sem dúvida, a própria natureza humana.

2. Temática

A temática do *Prefácio à Comédia Humana* é, na visão do próprio escritor, uma ordenação de sua obra até então existente, com cerca de vinte volumes dispersos, mas, em especial, a explicação do título, que lhe confere uma unidade, revela objetivamente a idéia da *A Comédia Humana*.

Registre-se que os seus inúmeros livros existentes nesta época tinham sido publicados, alguns, sob a forma de folhetins. A partir dessa unificação, a obra do escritor passa a ser ordenada e a ter divisões temáticas com a reunião, nesses temas, de muitos dos romances já escritos e outros por escrever. O escritor produz também uma visão crítica sobre o seu próprio trabalho e realiza um planejamento ambicioso dos livros ainda por escrever, que resultariam em uma galeria de mais de três mil personagens, tendo como grande pano de fundo a sociedade.

E tanto é verdade, que o escritor finaliza o *Prefácio*:

(...) A imensidade do plano, que a compreende ao mesmo tempo a história e a crítica da sociedade, a análise de seus males e a discussão de seus princípios, autoriza-me, assim o creio, a dar a minha obra o título sob o qual hoje ela aparece: *A Comédia Humana*. Será ambicioso? Não será apenas justo? É o que o público decidirá, quando a obra estiver terminada.(...)³

3. Análise Interpretativa

O escritor, no *Prefácio à Comédia Humana*, primeiramente faz uma análise das principais idéias da obra *A Comédia Humana*, além de realizar uma inferência com os grandes temas científicos e técnicos de seu tempo; define a unidade da obra e discrimina a divisão temática da *A Comédia Humana*.

Os grandes blocos temáticos são individualizados e, ao mesmo tempo, agrupados; classifica os seus romances já escritos e projeta um longo trabalho ainda por desenvolver, que resultariam numa galeria de mais de três mil personagens que se cruzam e entrecruzam nas diversas *cenias* da *Comédia*, que tem como efeito um panorama inigualável da sociedade francesa do século dezenove.

Explicita Balzac:⁴

(...) Não era pequena a tarefa de pintar as duas ou três mil figuras salientes de uma época, pois tal é, em definitivo, a soma dos tipos que cada geração apresenta e que a *Comédia Humana* comportará. Esse número de figuras, de caracteres, essa multidão de existências exigiam cenários e perdoem-me a expressão, galerias. Daí as divisões tão naturais já conhecidas, de minha obra, em *Cenas da Vida Privada*, *Provinciana*, *Parisiense*, *Política*, *Militar* e *Rural*. (...)

O escritor explica a necessidade da configuração de grandes temas dentro das *Cenas da Vida Política*, *Cenas da Vida Militar* – defesas e conquistas –, os *Estudos Filosóficos* – devastações do pensamento, conforme qualifica o autor –, e os *Estudos Analíticos* em que, à época, somente havia sido publicado um deles: *A Fisiologia do Casamento*.

O autor também faz uma análise crítica de sua obra. Analisa muito restritamente alguns de seus livros e personagens, assim como as discussões travadas por muitos de seus tipos entre vícios e virtudes e, de uma certa forma, justifica as suas decisões ideológicas em que declara que escreve "*à luz de duas verdades eternas: a religião e a monarquia*".

O escritor Paul Rönai, em suas notas de introdução ao texto balzaquiano⁵, conclui, sobre esse tema, a preponderância das classes mais aristocráticas nessa visão sistêmica da sociedade pelo

³ obra citada, p. 22

⁴ obra citada, p. 20

⁵ obra citada, p. 7

autor, ou mesmo de uma tendência mais conservadora em detrimento de uma inserção nas grandes questões sobre a estratificação social do escritor:

(...) Se da *Comédia Humana* se pode tirar uma conclusão geral, é que o Cristianismo não conseguiu dominar os instintos do homem e a monarquia tampouco pode fazê-lo. A luz das 'duas verdades eternas' não penetra na *Comédia Humana*, cheia de recantos obscuros e de insondáveis abismos, toda palpitante nas convulsões do instinto e das paixões. (...).

Honoré de Balzac foi lido e admirado por Karl Marx e por Friederich Engels, que, de acordo com as próprias palavras deste, "lhe ensinou mais acerca da sociedade francesa, mesmo no que diz respeito aos pormenores econômicos do que todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos da época, juntos."

E conclui Engels, em carta que explica os motivos pelos quais a obra do escritor legitimista e católico se tornou um dos documentos literários mais apreciados pelos socialistas:⁶

(...) Que Balzac tenha sido forçado a ir ao encontro de suas próprias simpatias de classe e de seus preconceitos políticos, que tenha visto a inelutabilidade da queda de seus aristocratas queridos e que os tenha descrito como indignos de melhor sorte; que tenha visto os verdadeiros homens do futuro apenas onde se podiam encontrar na época, isto eu considero um dos maiores triunfos do realismo e uma das maiores particularidades do velho Balzac (...).

A monumental obra desse escritor infatigável é reveladora da sociedade francesa daquela época, traçando um amplo panorama de costumes que demonstram ter sido, em sua genialidade, além do escritor, o grande historiador que projeta a sua obra para muito além do seu tempo. E tanto é verdade que a obra deste gênio da literatura permite muitas leituras sob o ponto de vista filosófico, histórico, sociológico, político e até mesmo jurídico. A sua imaginação era tão grande que permitiu a realização de uma obra imensa e, ainda assim, inacabada.

O escritor Stefan Zweig⁷, que, sem dúvida, traduz uma das melhores biografias sobre Balzac, comenta sobre os livros que não passaram de planos na cabeça do escritor:

(...) *Conforme um hábito constante de emitir notas promissórias para serem resgatadas mais tarde, Balzac antecipa-se aos fatos quando fala de três a quatro mil personagens. La Comédie Humaine, em estado incompleto, como hoje se nos apresenta, encerra apenas – envergonhamo-nos de escrever esse 'apenas' – duas mil personagens. Que, porém, aquelas três ou quatro mil personagens, com todos os seus modos de vida, já estavam preparadas no inesgotável cérebro de Balzac, mostra-o uma lista organizada em 1845, que, além dos romances escritos, menciona um a um os ainda não escritos e a qual lemos com não menos tristeza do que com que lemos a lista dos dramas de Sófocles que se perderam e a dos quadros de Leonardo Da Vinci que não chegaram a nós. Das cento e quarenta e quatro obras referidas por Balzac, nada menos que cinquenta não lhe foi possível executar. Mas o plano mostra com que superior arquitetura ele já projetara, até o último pormenor, a multiplicidade dos modos de vida. (...)*

Esses planos literários muito largos equivaleriam a uma projeção de vida também muito extensa, o que não se verificou.

E, ainda, deve ser mencionado que se não tivesse o escritor corrigido tantas e tantas vezes os seus romances, a ponto de haver não menos do que onze versões sobre o mesmo livro, muito possivelmente tivesse tido mais tempo de complementar a sua obra. No entanto, sem esses denominados "livros subterrâneos de Balzac" como denomina o escritor austríaco Stefan Zweig, ou

⁶ *Sur la littérature et l'art. Textes de Marx et d'Engels, choisis, traduits et présentés par J. Fréville, Paris, Editions Sociales Internationales, 1936, p. 149*

⁷ obra citada, p. 357-8

livros dentro dos livros, em razão das infatigáveis correções do escritor, e certamente *A Comédia Humana* não se constituiria nesse monumental esforço interpretativo da vida, dos costumes, da natureza humana, dados os padrões perfeitos de sua constituição. A cada nova correção Balzac estabelecia um novo plano mais perfeito de cada um dos seus livros.

Síntese.

Em síntese, a obra de Balzac ainda desafia a todos os que pretendem ter uma visão realista da sociedade francesa do século XIX com todas as suas implicações políticas, filosóficas, religiosas dentro de um contexto histórico firmado por um gênio que viveu durante meio século exatamente entre dois golpes de estado, o de 1799, em que Napoleão Bonaparte consolidou a Revolução Francesa, e o de 1851, no qual Napoleão III extinguiu a Segunda República.

E para quem pretende uma leitura por vários mundos, *A Comédia Humana* indica inúmeros caminhos – ainda que modesto o *Prefácio* de seu criador, com poucas páginas para uma obra tão completa – e que após mais de dez anos de incessante trabalho árduo até essa época Balzac ainda se comprometia com o futuro. Ainda que não tenha completado o seu trabalho, este foi realizado incansavelmente até a morte do autor, deixando um grande mistério inacabado para todas as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

DE BALZAC, Honoré I. **A Comédia Humana**, Rio de Janeiro, Porto Alegre- São Paulo, Edição da Livraria do Globo, 1946.

ZWEIG, Stefan. **Obras Completas** Tomo XXIX – Balzac. Rio de Janeiro, Editora Delta S. A – 1956.

http://www.boitempoeditorial.com.br/publicacoes_imprensa.php?isbn=85-7559-078-2&veiculo=O%20Estado%20de%20S.%20Paulo